

Velhices e memórias: construindo um diálogo com os textos autobiográficos de Norberto Bobbio

Camila Mosoli Zorzanelo¹
Camila Jordal Nishijima²

Recebido em junho de 2024
Aceito em junho de 2024

RESUMO

A presente proposta se inscreve no campo dos estudos sobre autobiografias e trajetórias intelectuais. O foco é a produção de Norberto Bobbio, pensador italiano que nasceu em Turim, em 1909, e morreu no mesmo local em 2004, foi, portanto, um nonagenário. Em sua velhice, escreveu duas obras autobiográficas: *Diário de um século* e *O tempo da memória*. Esses livros foram responsáveis por constituir e reconstituir a vida de Bobbio como pensador, escritor, professor e, em raros momentos, como filho, esposo e pai. Em ambas as obras, o autor narra incansavelmente sua vida profissional e política, reservando espaços para a vida pessoal apenas em circunstâncias excepcionais. Com base nas autobiografias de Bobbio, em estudos que abordam a importância das autobiografias na reflexão sobre a produção do pensamento social, nas pesquisas sobre velhice, gênero e memória, descrevemos e analisamos os marcadores sociais de geração e de gênero nos escritos autobiográficos do autor. Mapeamos, ainda, a relação do pensador com a militância antifascista, sua atividade docente, a articulação entre pesquisa e ação política e a forma como sua trajetória intelectual de grande sucesso se construiu.

Palavras-chave: Gênero; Geração; Velhice; Autobiografias; Norberto Bobbio.

Elderly and memory: Building a dialogue with autobiographies texts of Norberto Bobbio

ABSTRACT

This paper is based on studies of autobiographies and intellectual trajectories. The focus is the production of Norberto Bobbio, an Italian thinker who was born in Turin in 1909 and died in the same place in 2004. He was a nonagenarian. In his elderly, he wrote two autobiographical books: *Diary of a century* and *The time of memory*. These books were responsible for constituting and reconstituting Bobbio's life as a thinker, writer, teacher and, in rare moments, as a son, husband and father. In both works, the author tirelessly narrates his professional and political life, reserving space for his personal life only in exceptional circumstances. Based on Bobbio's autobiographies, in studies that address the importance of autobiographies in reflecting on the production of social thought, in research on elderly, gender and memory, we describe and analyze the social markers of generation and gender in the author's autobiographical writings. We also map his relationship with anti-fascist activism, teaching activity, the articulation between research and political action and the way his highly successful intellectual trajectory was constructed.

Keywords: Gender; Generation; Elderly; Autobiographies; Norberto Bobbio.

¹ Estudante, bolsista no Observatório das Metrópoles – Núcleo Maringá, mosoli500@gmail.com.

² Estudante, bolsista no Observatório das Metrópoles – Núcleo Maringá, camilajordal@gmail.com.

Introdução

O recurso autobiográfico é uma das formas que os indivíduos encontram para falarem de si e das suas relações com o mundo, apresentando a um público leitor interessado em determinadas trajetórias as formas de sociabilidade e de interação que construíram ao longo do tempo. São importantes fontes para compreensão da relação indivíduo e sociedade, pois como afirma Simmel (2006, p. 65): somente dentro da sociabilidade seria possível compreender o “peso e o significado do indivíduo” na sociedade.

Assim, discutir os usos das autobiografias como fonte de investigação sobre as formas de sociabilidade e o processo de construção social das subjetividades dos indivíduos é o nosso ponto de partida. Ancorada nessa perspectiva da construção de uma singularidade dentro da História maior é que, sobretudo na modernidade, vigoram as experiências de escritas de si. Foucault (2004) informa como as estratégias de falar sobre si podem ser encontradas pelo menos desde a cultura greco-romana e que algumas marcas desse momento sugerem uma dinâmica de escrever sobre si que “[...] atenua os perigos da solidão; oferece aquilo que se fez ou se pensou a um olhar possível [...]” (Foucault, 2004, p. 145).

Desde que passamos, no ocidente moderno, da oralidade para a escrita, a capacidade que o sujeito tem de narrar que o habilita a elaborar uma versão de si, de sua história em entrecruzamentos com os outros e o mundo pode ser arquivado e ainda divulgado em diversos âmbitos. No caso de Norberto Bobbio, que, quando escreveu as obras autobiográficas, já era um pensador de sucesso, podemos pensar que as publicações dessas obras possuem um motivo: tornar público relatos da vida do autor, que podem ainda ser utilizados para ainda justificar determinados comportamentos e situações.

Para essa comunicação, utilizamos como ferramenta de investigação duas autobiografias escritas de próprio punho por um importante intelectual italiano para pensar como sua trajetória ilumina o conjunto das reflexões sobre a relação indivíduo/sociedade.

Marcador de gênero

Em sua obra autobiográfica mais completa, *Diário de Um Século*, Norberto Bobbio e o entrevistador que faz intervenções ao decorrer do texto, Alberto Pappuzzi, iniciam a escrita da obra pela infância do autor. Bobbio nasceu no dia 18 de outubro de 1909, na grande cidade de Turim, na Itália. Vindo de uma família abastada, seu pai era cirurgião de grande prestígio e diretor do Hospital San Giovanni, na mesma cidade. De seu avô paterno, Antonio Bobbio, herdou a paixão pela escrita e pela filosofia, já que este foi colaborador do jornal *La Lega*, interessado por Filosofia e autor de dois livros críticos a pensadores positivistas. Ainda sobre sua família, o autor menciona o nome de sua mãe, Rosa Caviglia, e relata que seu nome foi uma homenagem de seu avô paterno, Norberto Caviglia. Por fim, cita o nome de seu irmão mais velho, Antonio, e o descreve como expansivo e inteligente e, assim como seu pai, seguiu a medicina (Bobbio, 1998, p. 5).

Em seu discurso autobiográfico, o autor marca claramente sua posição social, permeada por diversos privilégios, inclusive por nunca ter sentido o conflito de classes enquanto jovem em seu seio familiar, mesmo que tenha tido uma educação democrática, para considerar todos os homens como iguais (*Ibidem*, p. 7). Sobre essa favorável posição, o autor diz: “Tive uma infância e adolescência felizes, pois vivia em uma família abastada, em uma bela casa, com dois empregados domésticos, além de um motorista particular [...], e de dois automóveis” (Bobbio, 1998, p. 4). Compreendemos uma necessidade da parte do autor de contextualizar o seu leitor a respeito da classe em que pertencia, logo nas primeiras páginas da obra. Pensar no contexto social de Bobbio desde sua infância nos permite compreender, em certa medida, a opção do autor pelo mundo acadêmico, já que possuiria um amparo.

Um argumento muito defendido por Bobbio no decorrer da sua obra é que sua educação antifascista não veio de sua família, mas sim do ensino, principalmente na universidade. No entanto, essa construção foi iniciada já no liceu³ Massimo d’Azeglio,

³ Na Itália, o liceu corresponde à escola secundária, que abrange o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio.

que contava com muitos professores antifascistas, alguns deles inclusive denunciados e repreendidos pelo governo de Mussolini, como Umberto Cosmo.

Ao finalizar o liceu, no ano de 1927, Bobbio ingressou na Faculdade de Jurisprudência da Universidade de Turim, que contribuiu, segundo ele, com sua “lenta formação política” (Bobbio, 1998, p. 14). Em 1931, garantiu seu diploma no curso com uma tese em filosofia do direito, orientada por seu grande mestre e amigo, Gioele Solari. Logo após, com a aprovação de seu pai, se matriculou no terceiro ano de Filosofia e, em 1933, formou-se novamente, orientado por Annibale Pastore, com uma tese a respeito da fenomenologia de Husserl (*Ibidem*, p. 16). Com seu segundo diploma, Bobbio escreveu seu primeiro ensaio acadêmico, denominado *L'indirizzo fenomenologico nella filosofia sociale e giuridica* e, em 1934, obteve o título de livre docente (*Ibidem*, p. 17).

Aos trinta e três anos, no dia 28 de abril de 1943, casou-se com Valeria, sua companheira até o fim da vida. O casal estudou no mesmo liceu, se conheciam desde a adolescência e tiveram três filhos: Luigi, que nasceu no dia 16 de março de 1944; Andrea, nascido em 24 de fevereiro de 1946 e Marco, que nasceu no dia 5 de setembro de 1951.

Em suas duas obras autobiográficas, Norberto Bobbio se preocupa, majoritariamente, em relatar os diferentes âmbitos de sua vida profissional e os acontecimentos na Itália, que moldaram sua história. Por conta dessa escrita acadêmica de sua trajetória de vida, fica claro a imagem que o autor quer mostrar de si ao seu interlocutor: sua vida pública, como um intelectual de sucesso, desconsiderando e até desviando de assuntos pessoais, citando estes apenas quando extremamente necessário e incontornáveis, como seu casamento e o nascimento de seus filhos, simplesmente mencionados nas obras.

O autor narra que desde muito jovem foi um rapaz extremamente irritado, a exemplo da citação:

Quando eu era rapaz e me preparava para a confissão, os adultos, para ajudarem na observância, sugeriam-me que desse destaque especial ao pecado com que, segundo o juízo deles, eu me manchava com maior frequência: a ira (Bobbio, 1997, p. 4).

Quando frequentava a escola, Bobbio era vítima de certas zombarias, devido as suas irritações e indignações com brincadeiras de mau gosto. Diante disso, seu interesse pela política, por mais que não tenha se tornado uma paixão, foi um importante fator para expressar uma “[...] fonte contínua e inesgotável de ira” (Bobbio, 1997, p. 5).

Além disso, é válido mencionar o dualismo de interesse de Bobbio entre o “ser” e o “dever ser”, levando em conta o seu caráter iluminista-pessimista. Fator que o faz ao mesmo tempo um homem de ideias e um realista. Em virtude disso, o autor frisa a importância de sua esposa a respeito da sua maneira em lidar com os próprios conflitos internos, devido à pouca praticidade do mesmo. Contudo, se considera um homem de diálogo, com pouca pretensão de envolver-se em polêmicas, principalmente ao considerar, esta, uma condição necessária para o estabelecimento de uma convivência democrática.

A figura de um sério intelectual, preocupado com questões políticas é a que Bobbio se permite mostrar. Um estudante, professor, militante, escritor, político e senador. Mas não a figura de um filho, marido, pai ou avô, pouco presentes na sua escrita e também, por vezes marginalizadas durante sua vida já que, durante seu período de candidatura política em 1946, em que estava vivendo em Pádua, Bobbio sequer morava junto com sua esposa, que estava em Turim, cuidando de Luigi, filho mais velho do casal, que tinha apenas dois anos de idade e de Andrea, que nascera no mesmo ano.

Outra questão marcante a respeito da figura de Norberto Bobbio enquanto homem, é sua indiferença ao relatar mulheres que fizeram parte de sua vida. Ao escrever sobre sua família e sua infância, apenas cita o nome de sua mãe. Seu casamento e o nascimento de seus filhos são apresentados em frases soltas ao longo da narração de sua vivência política e acadêmica, bem como o nome de sua esposa e filhos. Os colegas e amigos, que tanto marcam presença no decorrer dos registros, são todos homens, com exceção de Barbara Allason, uma intelectual alemã antifascista, e a única mulher que ele se dedica, minimamente, a escrever sobre. No entanto, é possível perceber o motivo pelo qual os trechos sobre ela foram produzidos: na tentativa de colocar-se como iniciante ao antifascismo, que não compactuava com os valores de sua família, o autor menciona a participação nas reuniões de Allason, juntamente com outros intelectuais antifascistas, expondo o embrião da sua vida militante.

Os traços de masculinidade do autor estão presentes também na forma como ele se retrata ao comentar sobre a controversa carta enviada a Mussolini. Nesses comentários, Bobbio, envergonhado pela atitude tomada, que escancarava seu privilégio e sua posição social na Itália fascista, retira de si adjetivos relacionados à coragem, força e honestidade, comumente relacionados aos homens.

A atividade de ensinar, de ser professor e também intelectual, é uma das principais questões abordadas na autobiografia, tendo capítulos inteiros exclusivos para relatos dessas vivências. A vida acadêmica de Bobbio iniciou em 1927, ao se matricular na Faculdade de Jurisprudência da Universidade de Turim, em sua cidade natal. Em 1931, tendo defendido uma tese em filosofia do direito, obteve o diploma de sua primeira formação. No mesmo ano, matriculou-se no terceiro ano do curso de Filosofia, na mesma universidade, e formou-se em 1933.

A trajetória como professor universitário iniciou, de fato, em novembro de 1935, quando o autor deu sua primeira aula na Universidade de Camerino⁴, com muitos colegas de profissão não fascistas. Essa aula foi marcada por muita ansiedade por parte do professor, que se sentiu intimidado pela presença dos alunos. Bobbio lecionou nesta Universidade por três anos. Após isso, assumiu um concurso e passou a trabalhar na Universidade de Siena, até que, em dezembro de 1940, aos 31 anos, obteve a cátedra de filosofia do direito na Faculdade de Jurisprudência da Universidade de Pádua.

Em 1948, Bobbio retornou à Universidade de Turim, e assumiu a cátedra de Filosofia do Direito. Essa cadeira foi ocupada por ele até 1984, ano de sua aposentadoria. Mesmo tendo seguido a atividade docente por grande parte de sua vida, Norberto relata a dificuldade que tinha para realizar esse trabalho: “Durante a maior parte da minha vida desempenhei, portanto, duas tarefas difíceis: ensinar e escrever. E confesso que sempre me senti perseguido pela dúvida de estar ou não à altura de tão árduos compromissos” (Bobbio, 1998, p. 121).

Sempre marcado por sua inter e multidisciplinaridade, Bobbio foi convidado, em 1972, a assumir uma diferente cátedra, a de Filosofia Política, na Faculdade de

⁴ Camerino, de acordo com o autor, era uma cidade de pequeno centro. Sua turma tinha apenas cerca de 10 alunos. O autor expressa ainda certo descontentamento com a distância de Camerino a Turim, e também do desconforto da viagem (Bobbio, 1998, p. 32).

Ciências Políticas da Universidade de Turim - área de muito sucesso na Itália, mas que fora ocultada pelo fascismo -, marcando o segundo período da sua vida de professor, que foi deste ano até 1979 (Bobbio, 1998, p. 159). A trajetória de Norberto como docente findou-se na mesma Universidade em que ele cursou sua primeira graduação. Sua última aula antes de sua aposentadoria ocorrera em 16 de maio de 1979, após mais de 40 anos de ensino. Nessa ocasião, ele declarou: “A última aula é um fato natural, previsível. Na vida somos pegos de surpresa apenas por acontecimentos extraordinários” (*Ibidem*, p. 161).

Mesmo com a dificuldade inerente do papel intelectual, este era seu preferido. O mundo das dúvidas e das contestações o enchia os olhos e o dava espaço para escrever e desenvolver suas diversas teorias. A característica pessoal de eterno questionador foi, certamente, uma alavanca que impulsionou toda sua vasta produção textual, além de sua própria vivência enquanto estudioso. O entendimento do que acontecera anteriormente na história e fora escrito por seus pares, combinado com um olhar sensível e atento às diversas voltas, nuances e aspectos da política em seu tempo, além de sua vivência no seio dos maiores conflitos do século fizeram dele um dos maiores teóricos políticos do século XX.

Mesmo tendo escrito diversas vezes sobre a sua inaptidão para a vida política e sua preferência para a vida acadêmica, a trajetória de Bobbio foi marcada pela participação - direta ou indireta - na conturbada política italiana. A partir de 1940, com o agravamento da Segunda Guerra Mundial e maior participação em grupos contrários ao regime, Bobbio construiu sua fama de militante antifascista mesmo que, em ocasiões específicas, o autor deixasse de lado esse aspecto de sua vida, visando obter benefícios, ou não ter estes retirados. O Instituto de Filosofia do Direito de Pádua, por ele dirigido, foi um dos maiores centros de reuniões antifascistas. O autor fez parte também do Comitê de Libertação Nacional (CLN) na frente dos intelectuais e dirigiu o jornal clandestino *L’Ora dell’Azione*, que começou a ser distribuído em 1944, mas teve poucas edições. O autor relembra os riscos que corria, ao fazer parte, de fato, do antifascismo ativo, mesmo sem ser da resistência armada: “Naturalmente, sabíamos dos riscos que corríamos. Quando se anda por aí com uma bolsa cheia de jornais clandestinos, sabe-se muito bem o que pode acontecer” (Bobbio, 1998, p. 67).

Ainda durante os anos em que lecionava na Universidade de Camerino, o autor passou a frequentar reuniões do movimento liberal-socialista que, segundo ele, foram fundamentais para que ele passasse a viver um “antifascismo consciente e ativo” (Bobbio, 1998, p. 38), somado ao fato do afastamento de sua família fascista.

Contudo, conforme evidenciado no prefácio da obra *O tempo da memória*, mediante as observações de Hannah Arendt, esse período ativo da vida de Bobbio, se mostrou como uma oportunidade para ele “[...] encontrar-se e transcender a opacidade da vida privada dos anos de chumbo do fascismo.” (Bobbio, 1997, p. 10). O qual esteve aderido a uma organização política, denominada Partido da Ação, composta por intelectuais inspirados no socialismo liberal, que enxergavam a guerra de libertação não como uma guerra de classes, mas uma revolução democrática antecipada. Passando, assim, a viver um “antifascismo consciente e ativo” (Bobbio, 1998, p. 38), somado ao fato do afastamento de sua família fascista.

No dia 18 de julho de 1984, foi nomeado por Sandro Pertini, então presidente italiano, ao cargo de senador vitalício. Esse cargo era concedido a “cidadãos que honraram a Pátria por seus altíssimos méritos no campo social, científico, artístico e literário” (Bobbio, 1998, p. 191). Nessa ocasião, já aos setenta e cinco anos de idade, Bobbio aceita o cargo político e deixa, de vez, sua profissão mais longa, a de professor.

Assumir o cargo de senador foi um grande desafio para Bobbio que, por conta da idade já avançada, foi surpreendido com o convite. Em seus escritos autobiográficos, relatou sentir-se “como um peixe fora d’água”, que precisou estudar para compreender sua nova atribuição (Bobbio, 1998, p. 192). Inscrito no bloco socialista, o então senador escreveu sobre a dificuldade de ser necessário tomar decisões importantes a todo o tempo, sendo ele uma pessoa extremamente indecisa e cautelosa.

Simultaneamente a sua atividade no Senado, Bobbio iniciou uma nova atividade pública, a de escrever para o jornal *La Stampa*. O autor escreveu sobre os mais diversos assuntos políticos, na busca de aproximar o leitor das pautas da filosofia política. Ele relata também que seus textos, no início, tinham um tom “professoral”, mas que, com o passar do tempo, adaptou-os e passou a comentar, mesmo com dificuldade, assuntos atuais. Norberto Bobbio colaborou com o jornal até 2 de junho de 1996, no dia do aniversário da República Italiana, já aos 87 anos. O fim de sua atividade editorial foi

também, para o autor, a consagração do fim da sua fase de “filósofo militante” (Bobbio, 1998, p. 243), que já não compreendia, e nem se dava o trabalho de compreender os novos eventos políticos.

Marcador de geração

A reflexão bobbesiana acerca da velhice e do envelhecimento é abordada mediante pensamentos sobre suas experiências pessoais e concepções éticas, filosóficas e políticas a respeito do entendimento tido sobre o velho. Sendo assim, promoveu reflexões sobre a passagem do tempo, além das mudanças físicas e emocionais ocasionadas pela velhice. Além disso, na autobiografia *O tempo da memória*, consta a seguinte afirmativa do autor: “Os pensamentos de um ancião tendem ao enrijecimento. Depois de certa idade, desistimos de mudar de opinião. Tornamo-nos cada vez mais obstinados em nossas convicções e mais indiferentes às dos outros.” (Bobbio, 1997, p. 11), visando o apego do indivíduo envelhecido às velhas ideias. E isso acontece, de acordo com Bobbio, não pela falta de curiosidade, mas sim, pela dificuldade em satisfazer as opiniões alheias. Visto que passa a exigir mais energia intelectual, que já se encontra enfraquecida. Por meio disso, o autor acredita ser um ato de sabedoria olhar para o próprio passado sem muita compaixão, não crendo tanto no futuro – levando em consideração a incerteza que o futuro representa.

Bobbio enfatiza a importância de continuar a ser um pensador ativo e produtivo na velhice. Além de reconhecer o valor da experiência acumulada ao longo dos anos. Com isso, sua visão acerca da velhice era permeada por valores éticos e uma reflexão aprofundada sobre a passagem do tempo e a finitude da vida. Contudo, não abarca uma visão completa de seu próprio envelhecimento, enfatizando, a princípio, suas contribuições filosóficas e intelectuais.

No final da obra *Diário de Um Século*, Bobbio passa a refletir com mais afinco a respeito da velhice: “Falar de si é um vício da idade avançada. Apenas em parte podemos atribuí-lo à vaidade” (Bobbio, 1997, p. 14), ao mesmo tempo em que faz um balanço sobre o impiedoso século que viveu. Entre seus diversos relatos, está o arrependimento de não ter mantido, com exceção dos anos de Senado, um diário para registro de

acontecimentos, pessoas e lugares, que o ajudaria a recordar para escrever, com ainda mais propriedade, sua história. O autor diz, no entanto, que ao decorrer de sua vida, manteve muitas “páginas autobiográficas”, que continham citações, anotações, páginas de jornal e cartas, e que essas fontes contavam também sobre quem ele era.

A narrativa que constrói sobre si em *Diário de um Século*, frequentemente se confunde com a narrativa da história da Itália. Sua reflexão sobre o passado engloba não só sua vida, mas o contexto em que foi inserido. Essa forma de construção o projeta como um intelectual preocupado com seu país e profundamente marcado por cada um de seus percalços. Isso corrobora com as ideias de Foucault (2004) a respeito da escrita sobre si mesmo, já que a história individual de Norberto Bobbio está inserida dentro de histórias maiores, como a de sua família, da Universidade de Turim, do pensamento político e também do país que viveu toda sua vida.

Na época do nascimento de Bobbio, a expectativa de vida, de acordo com o próprio, era baixa, não passando dos 50 anos de idade. Desse modo, não tinha em mente que chegaria aos 80 anos – idade dele ao momento da escrita dessa obra –, até porque um octogenário era considerado algo inusitado, definido como sendo um ancião. Entretanto, Bobbio diz que chegar nessa idade não se tratava de um mérito, mas de sorte, questionando-se a respeito de ter sobrevivido por tantos obstáculos, como doenças, perigos mortais e desastres naturais. O autor destaca ser apenas uma pessoa considerada merecedora do mérito de o ajudar a viver, sua esposa. Até porque, a sorte não é merecida, pois, apenas acontece, inclusive com pessoas que a não a procuraram, como Bobbio.

Bobbio enxerga a velhice como: “[...] uma continuação da adolescência, da juventude, da maturidade que podem ter sido vividas de diversas maneiras” (Bobbio, 1997, p. 9), em que o autor não se queixa de seu cansaço e envelhecimento. Diante disso, a percepção obtida a partir das autobiografias, trata-se de duas fases da velhice⁵. Na primeira, Bobbio era um consagrado pensador da Filosofia, do Direito e da Ciência Política que, mesmo aposentado, era um professor ativo, que lecionava em diversas universidades. Com o passar dos anos e o avançar da idade, uma outra fase pode ser

⁵ A ideia de “fases” no decorrer da vida não é nova. Grita Grin Debert em seu artigo *A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas* (1997) escreveu sobre a noção de diferentes fases em toda a vida e, também, na velhice.

identificada, a partir de sua chegada ao senado, saída definitiva da sala de aula e, principalmente, uma década após, em 1996, aos 87 anos, quando deixa de escrever no jornal *La Stampa*. Nessa segunda fase, Bobbio passou a se preocupar cada vez menos com acontecimentos políticos e cada vez mais com “os grandes problemas da vida e da morte, do bem e do mal” (Bobbio, 1998, p. 240). Os temas que lhe consumiram a vida, perderam o impacto na sua velhice, tanto pelo seu pessimismo em relação à política italiana, quanto ao cansaço e desinteresse para interpretá-los e compreendê-los. Contudo, de acordo com o autor, essa melancolia se ameniza com a constância de afetos, passando, Bobbio, nessa fase da vida, a dedicar-se mais à sua família, composta por sua esposa, filhos, noras e netos.

Norberto evidencia ser a lentidão um marco que diferencia a velhice da juventude e da maturidade, posto que, o idoso tem sua vida operada lentamente. Dessa forma, diz que a lentidão do velho é desagradável para ele e, também, para os demais. Já que gera um sentimento de pena, afinal, “O velho está naturalmente destinado a ficar para trás, enquanto os outros avançam...” (Bobbio, 1997, p. 47). Na velhice, o lugar na sociedade destinado ao idoso é, única e exclusivamente, o da memória, não tendo este outra função, a não ser a de recordar sua existência:

E o passado revive da memória. O grande patrimônio do velho está no mundo maravilhoso da memória, fonte inesgotável de reflexões sobre nós mesmos, sobre o universo em que vivemos, sobre as pessoas e os acontecimentos que, ao longo do caminho, atraíram nossa atenção (Bobbio, 1996, p. 53).

De acordo com Bobbio, a velhice tem se transformado em um grande problema social, uma vez que aumentaram o número de idosos e, também, devido a ampliação no número de anos em que os velhos vivem como velhos – evidenciando a questão de que, atualmente, uma pessoa de 60 anos só seria considerada “velha” no papel.

Ademais, Bobbio classifica a marginalização dos velhos como um fato impossível de ser ignorado. Apontando, ainda, as relativas diferenças apresentadas sobre o velho nas sociedades tradicionais e estáticas e nas hodiernas. Destaca, também, um importante fator que contribui para a marginalização do velho, denominado envelhecimento cultural, que acaba acompanhando tanto o envelhecimento biológico

quanto o social - isso, porque o velho mantém-se fiel aos princípios ou valores aprendidos e interiorizados em si, fazendo um juízo ruim sobre o “novo”.

É válido mencionar a crítica estabelecida por Bobbio a respeito da transformação do velho em mercadoria. Frisando, que tudo acaba levando a possibilidade de tudo, na vigente sociedade ser passível de compra e venda. A exemplo disso, ele destaca as casas de repouso, hospitais e pequenos apartamentos com um velho a ser cuidado e tratado continuamente. Dessa forma, para ele, só resta ao velho recorrer ao mundo da memória, por meio da afirmativa de que o velho é o passado. E, portanto, somos tudo aquilo que pensamos, amamos, realizamos e dos afetos que nos alimentamos.

Considerações finais

Neste trabalho, apresentamos uma análise descritiva das duas obras autobiográficas de Norberto Bobbio: *O tempo da memória*, proveniente de um grande discurso por ele feito e de pequenos ensaios autobiográficos e *Diário de Um Século*, obra na qual, com o auxílio do entrevistador Alberto Papuzzi, o nonagenário relata grande parte de sua vida, especialmente a profissional.

Após as leituras realizadas dos dois livros, bem como de diversas obras que trouxeram o arcabouço teórico necessário para essa pesquisa, é possível afirmar que a geração, assim como a raça, a classe social e o gênero, que como afirma Joan Scott (1995, p. 75), “torna-se uma forma de indicar construções culturais - a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres”, são marcadores sociais importantes e a forma de ver o mundo é marcada, também, por questões gênero e geração.

Percebe-se, contudo, que a atividade intelectual tem o poder de rejuvenescer o pensador. Bobbio defende que o contato direto com pessoas mais jovens, nos anos em que lecionava, fizeram com que ele se sentisse também mais jovem. Outra questão vinculada diretamente ao trabalho intelectual é a possibilidade de permanecer trabalhando, mesmo já com idade avançada, como o caso de Bobbio, visto que o esforço físico, comparado ao trabalho braçal, é extremamente menor.

Entende-se, então, que, ao passo em que a velhice estreita o campo de possibilidades, o privilégio do trabalho intelectual, em certa medida, o alarga. Por assim dizer, Bobbio enfatiza a importância de dar continuidade a um pensar ativo e produtivo ao decorrer do envelhecimento, reconhecendo o valor da experiência acumulada ao longo dos anos. E, por mais que enxergue a velhice como representação do fim de um ciclo, onde há decadência e degeneração do indivíduo, evidencia ser a lentidão ocasionada pela velhice, um marco que a diferencia da juventude e da maturidade.

Nesse sentido, a velhice é compreendida como uma fase limitadora do campo de possibilidades, apontada por dificuldades físicas, rigidez nas concepções e atrelada a um sentimento de inadequação em relação à acelerada “vida moderna”. Em suas obras, Norberto reflete acerca das limitações impostas pela idade avançada, evidenciando a inevitável noção da aproximação do fim da vida.

“O velho percebe que vai descendo a escada da vida de degrau em degrau e, por pequeno que este seja, sabe não só que não há volta como também que o número de degraus que tem pela frente é sempre menor”. (Bobbio, 1997, p.28)

Por assim dizer, a escrita de si emerge como um modo de mitigar os perigos da solidão, propiciando uma válvula de escape e um espaço de preservação da identidade. Mediante a escrita autobiográfica, os indivíduos são capazes de explorar o âmago de suas experiências, revelando a fluência de seu pensamento, proporcionando, ainda, uma análise íntima e reflexiva sobre si mesmos.

Dessa maneira, as autobiografias surgem como uma batalha contra o esquecimento, representando uma tentativa de registrar e partilhar as vivências pessoais, assegurando que essas experiências não se percam conforme o tempo. Ao passo que, a escrita de si torna-se um influente meio de resistência contra o apagamento da própria história, afirmando, assim, a continuidade da vida, mesmo nos estágios finais.

Conclui-se, então, a partir do texto apresentado, a importância de registros autobiográficos para a construção e reconstrução de realidades vividas, que contribuem para uma melhor velhice e também para estudos em diversas áreas do conhecimento. A escrita sobre si na velhice traz a possibilidade de autoconhecimento, de memória e de contemplação de uma vida que foi e ainda é. O registro autobiográfico é tido como um

companheiro na fase final da vida humana, que ajuda a dar sentido no que foi vivido e no que ainda há de viver.

Referências

BARROS, Myriam Moraes Lins. A velhice na pesquisa socioantropológica brasileira. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 45-64.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. In: **Sociologia, problemas e práticas**. Lisboa, ed. 52, p. 109-132, 2006. Disponível em: <<https://sociologiapp.iscte-iul.pt/pdfs/52/540.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2024.

BOBBIO, Norberto. **Diário de Um Século. Autobiografia**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória. De senectude e outros escritos autobiográficos**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

DEBERT, Guita Grin. A Invenção da Terceira Idade e a Rearticulação de Formas de Consumo e Demandas Políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 12, n. 34, p. 39-54, 1997.

DEBERT, Guita Grin. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. In: DEBERT, Guita Grin (Ed.). **Antropologia e Velhice**. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1998. p. 7-27.

FOUCAULT, Michael. A escrita de si. In: MOTTA, Manoel Barros (org.). **Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2004. p. 145-162.

GONÇALVES, Rita de Cássia; SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. Biografias e autobiografias como fontes de informação e memória. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 82-103, 2021. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/incid/article/view/51584>>. Acesso: 12 set. 2022.

GOENDER, Miriam Elza. Tempo e Memória. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 37, p. 103-108, 2012.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SCOTT, Joan Wallach. Os usos e abusos do gênero. **Projeto História**, n. 45, p. 327-351, 2012.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, n. 2, p. 71-91, 1995.

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. Escrita autobiográfica e construção subjetiva. **Psicol. USP**, v. 14, n. 1, 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-65642003000100004>>. Acesso: 08 set. 2022.

VILLAR, Marília Sant'Anna. Arquivo da memória – ou seu diário em boas mãos. **Alea**. Rio de Janeiro, vol. 18/3, p. 501-512, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1517-106X/183-501>>. Acesso: 15 set. 2022.